

Vigília pela CPI

Até 17 de janeiro, a CPI da máfia do Orçamento tropeçará ainda muitas vezes na pressão de indivíduos e forças políticas, como as que abortaram o relatório parcial. Cada tropeço instalará o receio pelo desfecho e o clamor para que não se perca esta grande chance. Não apenas de punir indivíduos ou grupos, mas de quebrar a cultura da apropriação do Estado por uns poucos, esta herança ibérica. Momentos de revisão cultural como esses aparecem como o cometa Halley, de muitos em muitos anos.

Os relatos de José Carlos Alves, os documentos da construtora Norberto Odebrecht e os indícios acumulados radiografam esta prática que não nasceu em 1988, com a retomada da prerrogativa de emendar o Orçamento pelo Congresso. Desde a colonização, o grupo dos "incluídos" organizadamente assalta os cofres do Estado que, depenado, continuará não atendendo à massa de "excluí-

dos".

Orçamento
Os europeus que cruzavam o Atlântico no início da colonização falavam romanticamente em "fazer a América". No Norte, fizeram uma Nação. No Brasil e na América do Sul, os ibéricos espertos vieram "fazer-se na América". Ouvidores e contratadores sugaram a Coroa portuguesa. O tempo e a prática levaram à lei de Gerson, a PC Farias e João Alves.

Até agora, 20 dos 32 parlamentares denunciados por José Carlos foram poupados de depor. De corruptor, só apareceu a Odebrecht. E a CPI só tem mais três semanas de vida, descontadas a do Natal e a do Ano Novo, que serão mortas.

— Em tão curto tempo a CPI não poderá varrer definitivamente a corrupção. Mas terá pelo menos que puxar a ponta da meada para que a Justiça faça o resto. É hora de vigília — diz o deputado José Genoíno.